

AS NECESSIDADES PSICOLÓGICAS NA FASE DE NOSSA FORMAÇÃO

Prof. Eduardo José Soares Fernandes,  
Encarregado do Serviço Auxiliar de  
Organização e Planejamento Escolar  
da Faculdade de Filosofia, Ciências  
e Letras de Sorocaba.

As necessidades psicológicas e fundamentais, na fase de nossa formação são, entre outras: afeto, segurança, recreação, social, sexual.

A necessidade de afeto na infância tem caráter monopolizador: as crianças, que são egocêntricas por natureza, até pelo mau comportamento forçam os adultos a se ocuparem delas.

O primeiro mandamento, também no campo educacional, é: amar. Na meninice, embora prevaleça ainda o caráter captativo, já surge o aspecto oblativo do amor. Depois, quanto mais avança a idade e na adolescência (se ocorrer normal o processo de maturação psicológica), o caráter oblativo do afeto deve ir se sobrepondo ao captativo: é a preocupação pelo outro, pelo companheiro, pelo amigo, pelo namorado. Isso também é necessidade de dar, mais que receber.

Além disso, o adolescente precisa de amor-compreensão. É preciso educá-lo para o amor.

Outra, ligada à primeira, é a necessidade de segurança. A criança, na fase da infância e da meninice, só se sente segura em função de alguém (hétero-segurança) e é importantíssimo que se sinta amparada, que se sinta segura para seu bom desenvolvimento (segurança moral e material). Precisa de amparo, precisa de proteção afetiva e efetiva.

Entre os direitos da criança a O.N.U. inscreveu, além do afeto, o ambiente de segurança (1959); estes predicados só poderão florescer no lar bem constituído, harmonioso, estável, onde haja a presença física e educativa dos pais.

Na adolescência já nasce a autosuficiência; o rapaz e a mocinha vão ganhando confiança em si. É preciso educá-los para a autonomia.

A necessidade de recreação, também chamada lúdica, é outra de primeira grandeza. Manifesta-se desde os primeiros meses de vida. Precisa a criança de movimento, precisa de es-

paço, precisa de brinquedo. Para saciar essa *fome de brincar* deve-se-lhe dar bastante espaço e bastante tempo para brincar. O jogo, além de fator de desenvolvimento das atividades motoras, desempenha relevante papel educativo para o menino ou menina. Tem valor inestimável por despertar o interesse e o respeito pelo outro, o sentido grupal, por ensinar a viver na cunidade, a ganhar e a perder, a obedecer às normas de conduta; em suma: por formar o caráter. O mesmo se diga com relação ao sadio lazer, em grupos, para a adolescência.

É contraproducente, é contrasenso provar do brinquedo, jogo ou lazer adequados, na proporção que necessitam, aqueles que se encontram no final da meninice ou no despontar da adolescência, mandando-os trabalhar, mesmo que o pretexto seja encaminhá-los para a vida.

A necessidade *social*, também assume diferentes formas no desenrolar da existência, sendo que o círculo inicial, assás restrito (família), vai se alargando a pouco e pouco. - Vêm depois os amiguinhos, os vizinhos; mais tarde a escola, a professora, os colegas. E assim cada vez mais se expande.

As amizades transitórias da meninice seguem-se aquelas mais duradouras da adolescência, cujas tendências são marcantemente grupais. Os mocinhos e mocinhas buscam, em comunidades fora do lar, a satisfação da necessidade social e procuram tornar-se cada vez mais independentes com relação à autoridade, enquanto ficam mais e mais dependentes com relação ao grupo: só agem de conformidade com o grupo, procuram pensar, falar, vestir-se, portar-se como grupo fala, pensa, veste-se e porta-se. Isto é absolutamente normal e essa característica psicológica deve ser respeitada (dentro do tolerável). Vemos pais e educadores, quanta vez, preocupados em investir contra muitos comportamentos desses, totalmente secundários ou acidentais, olvidando-se do essencial ou invertendo a hierarquia de valores... Para satisfação da necessidade social do adolescente muito contribuirá o lazer, a diversão em grupo.

Quanto à necessidade *sexual*. Na fase prégenital - (infância e meninice) deve ser satisfeita a curiosidade nascente de maneira sempre verídica, autêntica e oportuna, respeitando o grau de maturidade. Não se esperará a fase genital propriamente dita (adolescência), quando ocorre a maturação - fisiológica, para informar e formar.

Além do temperamento (maneira como em cada homem -

se organizam as necessidades, ou instintos, e as emoções), - dois outros dinamismos psicológicos devem ser abordados: a inteligência e a vontade.

1. *Inteligência*: muitas são as funções intelectivas mas, de forma ampla, pode-se dizer que *inteligência* é a faculdade do homem pelo qual ele *conhece*. Na infância, como na meninice, ela é notoriamente crédula, sensível, concreta, fantasista. O educador precisa aproveitar a fase dos por ques na qual a criança é crédula e lhe é de todo dependente -- (também sob o ângulo psicológico), para orientar. Guia-se ela pelos maiores. Para ela o que o pai, a mãe, a professora dizem é o infalível, é a *idade de ouro* para os conselhos para a formação dos bons hábitos. Nessa idade, outrossim, - começa a desabrochar o senso ético, principiando a distinção entre o certo e o errado.

Já na adolescência amadurece para a introspecção, - é capaz de se concentrar, deduzir, induzir, realiza julgamento moral.

2. *Vontade*: esta, por fim, é a faculdade do homem de *querer*, - de *dirigir-se*. O homem dirige-se pela vontade. Nula na infância, começa a surgir na meninice, embora débil. O menino, por vezes, já sabe o que deve ou não fazer, mas nem sempre consegue, pela fraqueza de sua vontade, dirigir-se de acordo com aquele entendimento. Os educadores (termo - sempre tomado no sentido lato) devem, pois, guiá-los.

A vontade propriamente dita surge apenas na terceira fase educativa. Então é preciso ensinar o adolescente a *fazer o que deve e querer o que faz*.

Concluindo:

*Educar* é formar integralmente a personalidade do - educando: é fazer com que sua *inteligência* saiba conhecer e sua *vontade* querer o melhor caminho e, por ele, dirigir os instintos e emoções (*temperamento*).

O papel do educador é tão sublime quão difícil, - Grande, sua responsabilidade. Dele, muito depende o futuro de seus educandos. Conhecendo-lhes as características de sua personalidade, suas necessidades primordiais e como atendê-las, - de acordo com o grau de seu desenvolvimento, por certo estará procurando fazê-los *ADULTOS, MADUROS e FELIZES*.

JOVENS E VELHOS

Profa. Cecília Marly de Sá Celanti.

Tanto nas reflexões de senso comum, como nas reflexões sistemáticas de ciência e filosofia, tem se falado num fenômeno característico desse nosso século: o processo dinâmico - e assustadoramente acelerado de mudança.

Os pais queixam-se que "tudo está mudado"...; os filhos exclamam e exigem: "as coisas mudaram"...; os padres preocupam-se com o rumo das mudanças e suas consequências; os professores sentem que algo precisa ser feito, sentem que há uma inconsciência entre as suas proposições e as exigências reais e sentem mais de perto que a indisciplina, um sintoma de crise, - tem desintegrado todo o seu trabalho.

Uma reflexão psicossociológica das relações interpessoais na Família, Igreja ou Escola, provará que as idéias evoluíram, mudaram, e elas - as estruturas que as concretizam - estão em defasagem e os sintomas da crise estão incomodando a todos. Especialmente se tem sentido necessidade de reformular a maneira de perceber a função e o desempenho dos papéis do pai, padre ou professor.

A dúvida comumente levantada é: que desencadeará o processo de ajustagem entre idéias e estruturas? É a estrutura ou a mentalidade que precisa mudar? Na verdade, ambas são aspectos de um mesmo dinamismo. Novas estruturas possibilitam a concretização de novas idéias, como também novas mentalidades possibilham e exigem a mudança nas estruturas. Então, nada pode ser feito? O homem é ou não agente histórico? Como nós educadores podemos cooperar?

Na realidade, há sempre algo que é básico ou essencial, e aqui consiste em se ter CONSCIÊNCIA da realidade subjetiva e objetiva.

Se cada um de nós encarna a estrutura e concretiza a idéia, é em cada um de nós que se dá a própria mudança. É preciso abandonar a atitude de quem se tranquiliza só em constatar que tudo mudou, ou que tudo está errado, ou que alguém precisa fazer algo..., colocando fora de seu mundo as causas e efeitos e responsabilidades.

Cada um de nós precisa, então, fazer uma auto-análise de quanto está envolvido e é responsável pela mudança. Ou es-

tamos inseridos de fato nela, ou não pertencemos a esta era. - "Estar inserido" se concretiza a cada momento da vida. Em cada contato pessoal, meu comportamento expressa o quanto eu tenho - consciência dessa inserção. Fundamentalmente estou inserido e - começo a cooperar na atualização das estruturas, se descobrir - em que medida eu possibilite a mudança em mim, nos outros, e na história.

Assim é que falamos em "velhos" e "jovens". O "jovem" não importa a idade que tenha, é o sujeito que está disponível - psicologicamente à mudança. Coloca em dúvida aquilo que tem acreditado e cresce na compreensão da verdade. Ele percebe o movimento dialético de mudança como característica inerente aos fatos. Está por isso sempre disponível ao diálogo porque sabe que a verdade não é absoluta e pronta, mas que a descobrimos através de progressivas percepções e "insight".

O "velho", por outro lado, é o sujeito, não importa a idade que tenha, que é estruturado (é o "quadrado", segundo os adolescentes). Ele formou "juízos" sobre as coisas, que não mais se atualizaram. O mundo girou, mudou e ele está parado... Recusa-se a ouvir novas idéias, porque está preso às que tem, e não as põe em dúvida. Na verdade, nunca está disponível ao diálogo. Ele é dogmático e aparenta uma segurança intocável.

Portanto, uma primeira tomada de posição consiste - numa introspecção sobre a nossa disponibilidade para mudar interiormente, e consequentemente aceitar a mudança objetiva. A saída está em se tornar "jovem", buscar o diálogo, crescer indefinidamente...

